

Formação, Humanismo e Cidadania na escola - um olhar crítico sobre os modelos educacionais da Região do ABCD Paulista

Alexandre Medeiros¹

Resumo: Notas de conferência no XVIII Seminário Internacional Filosofia e Educação da Pós-Graduação à Educação (Cemoroc Feusp, julho 2017), discutindo os pressupostos – educacionais e políticos – subjacentes às propostas de ensino: acadêmico / técnico, nas escolas brasileiras.

Palavras Chave: educação. ensino técnico. ensino acadêmico. Escolas brasileiras.

Abstract: Notes of a lecture at the XVIII Seminário Internacional Filosofia e Educação da Pós-Graduação à Educação (Cemoroc Feusp, julho 2017), discussing “political” backstage of the dichotomy academic x technical formation in Brazilian schools.

Keywords: education. academic x technical formation. Brazilian schools.

Introdução

A Constituição Federal Brasileira começa enfatizando que todos os esforços constitucionais serão para buscar o “desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional”. Portanto, proponho os pressupostos acima como pilares para elaborarmos este texto, com o intuito em “construir uma sociedade livre, justa e solidária” (Constituição Federal Brasileira, no seu artigo 3º. e inciso I).

Este artigo tem como objetivo: conscientizar pais, professores e alunos de que está se consolidando uma educação brasileira com dois modelos educacionais ambíguos. O que veremos nas linhas que se seguem, não é de modo algum uma regra a ser seguida, mas apenas uma reflexão, com o intuito de juntos crescermos como nação e, na medida em que esta nação necessite de ajustes, possamos mudar de rumo e (por que não?) transformarmos a nossa realidade.

Este ensaio é composto de quatro partes. Primeiramente, algumas perguntas que precisamos fazer para nós mesmos; depois uma breve abordagem histórica sobre a realidade industrial da região do ABCD; em seguida uma breve pesquisa sobre as escolas “Top Ten” da cidade de São Paulo, buscando o que elas têm em comum; e por fim de posse de todas estas informações, refletiremos criticamente sobre os rumos da educação em nosso país e quais as críticas e ou sugestões possíveis. Finalizamos este ensaio, tentando a partir das reflexões aqui propostas, exercitar algumas respostas às indagações iniciais.

¹ Bacharel em Administração de Empresas – UNIB/SP; Especialista em Estudos Teológicos – UNASP/EC; Mestre em Ciências da Religião – UMESP/SBC; Doutorando em Ciências da Religião – UMESP/SBC.

I. Algumas Indagações Necessárias.

Isto posto, começo esta reflexão fazendo as seguintes indagações:

- 1) A indústria oferece hoje a mesma quantidade de vagas da década de 1980?
- 2) A Qualidade do Ensino Técnico Público e Privado melhorou?
- 3) Hoje, ainda é a melhor opção cursar o ensino técnico?
- 4) Os pensadores da Educação aconselham o ensino técnico?
- 5) A quem interessaria que o ensino técnico se propagasse atualmente?
- 6) Qual modelo educacional é recorrente no hall das escolas mais caras do país?

II. Inicialmente pensemos no ensino técnico: histórico e desenvolvimento.

O ensino brasileiro tem passado por muitas mudanças. O ABCD teve no Governo Militar a grande novidade das Escolas Técnicas Estaduais – ETE. A mais conhecida delas ficava em SBC-SP, conhecida como ETE - Lauro Gomes. Na década de 1970, os alunos dessa instituição eram buscados por grandes empresas da região: General Motors do Brasil, em São Caetano-SP; Mercedes Caminhões em SBC-SP; a Volkswagen em SBC-SP; além das empresas de autopeças, que abasteciam estas grandes indústrias. Explodia o desenvolvimento econômico brasileiro, estas regiões cresceram e se expandiram, os salários nas montadoras e metalúrgicas eram invejáveis: um ferramenteiro, formado normalmente nos SENAIs, eram muito bem remunerados.

Diante desse cenário os olhos se voltavam para a formação nas áreas técnicas de mecânica e eletrônica (nível médio) e os cursos de metalurgia, ferramentaria e outros no SENAI (nível fundamental). Os pais viam na formação profissional de nível fundamental e médio o grande trunfo para o sucesso dos filhos, e assim foi até meados da década de 1990, quando o cenário começou a mudar.

Até 1990, o mercado automobilístico brasileiro ainda estava fechado para as importações de veículos, o que criava uma situação de monopólio interno [...] A partir da década de 1990, como já mencionado, a economia brasileira passa por um processo de abertura e de reestruturação, que afetará a indústria automobilística de forma direta, pois este foi um dos setores que mais se beneficiara com as políticas industriais executadas entre 1950 e 1990 (BOTELHO, 2002, p. 59).

Os empregos nessas áreas já não eram mais fartos, o número de cursos aumentou e o número de vagas começou a diminuir, ao mesmo tempo que o ensino público da educação básica em geral incluindo o ensino técnico, começou a dar sinais de perda de qualidade, advindas da “crise da década de 1980 e a menor capacidade de investimentos públicos” (BOTELHO, 2002, p. 62).

Além é claro das mudanças de produção e tecnologia que também chegaram na mesma época.

“Com relação ao caso particular da indústria automobilística, as transformações que se deram após 1990 obrigaram as empresas do setor a um intenso processo de reestruturação, obtendo um aumento da produtividade por meio de inovações na gestão e de maior automação da linha produtiva, com a consequente redução do número de postos de trabalho” (BOTELHO, 2002, p. 59-60).

Sem falarmos que, de acordo com o sindicato dos metalúrgicos do ABC, em 1980 eram necessários 133 mil trabalhadores apenas no ABCD, já em 1998 eram necessários apenas 83 mil funcionários no ABCD para produzirem mais que na década de 80 (BOTELHO, 2002, p. 59-60). Já em agosto de 2013 de acordo com a revista EXAME, as montadoras do País inteiro, ou seja, não só no ABCD, empregavam 126 mil trabalhadores. Assim, o país inteiro abrigava no setor menos funcionários do que na década de 80 no ABC. Isto nos revela um dado importantíssimo. A Indústria automobilística está empregando cada vez menos funcionários. A revista EXAME amplia a visão do problema. Com o corte nas montadoras, as outras indústrias dependentes também sofrem, “a crise que levou à redução drástica nas vendas e na produção de veículos no Brasil provocou o fechamento, de 2014 até o início de 2017, de 31 mil vagas nas montadoras, onde normalmente os empregos são considerados de melhor qualidade. Na rasteira, foram demitidos mais de 50 mil trabalhadores nas autopeças e mais de 124 mil nas concessionárias, numa conta que supera 200 mil cortes”.

Em meio a todas estas mudanças, houve uma ampliação no oferecimento de vagas de cursos superiores de dois anos, ou os cursos de tecnologia. Estas faculdades que dão uma formação de tecnólogo (graduação entre o técnico e o engenheiro) fornecem ao mercado um profissional melhor capacitado que o técnico (em tese) e mais barato que o engenheiro. Diante deste cenário podemos deduzir que o profissional técnico não é mais tão necessário, nem mais tão bem remunerado como na década de 1980, e assim, esses profissionais serão empregados hoje não mais nas grandes indústrias cada vez mais digitais e robotizadas (exigindo uma melhor formação, como tecnólogos e ou engenheiros), mas nas indústrias periféricas, as de autopeças, com menor capacidade tecnológica, menor capacidade de pagamento de bons salários e piores condições de trabalho. Existem inclusive colégios e faculdades de empresas privadas, que doutrina e formam seus alunos para já trabalharem na indústria (abstendo-se de dar uma formação cultural e intelectual).

III. Ensino Acadêmico Regular e Ensino Técnico: um olhar crítico.

Um olhar crítico, porque aqui neste ponto de nossa reflexão, tocaremos em um ponto nevrálgico, sobre o qual se faz necessário pensar. O País deveria de acordo com a Constituição Federal Brasileira, “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (Artigo 3º. e inciso IV), mas sabemos que o ensino público da educação básica tem sérias dificuldades em diversos aspectos, o que obriga os pais a partirem para a educação privada, sendo que, outros que não conseguem suportar a educação particular, se obrigam a manter seus filhos no péssimo ensino público de educação básica. Propus analisar um pequeno grupo de Colégios Particulares, considerados de ponta na cidade de São Paulo (a escolha foi baseada na excelência acadêmica): Colégio Porto Seguro – Colégio Arquidiocesano – Colégio Rio Branco – Colégio Santa Cruz – Colégio Bandeirantes - St. Paul's School – Colégio Miguel de Cervantes. O que estas escolas tem em comum?

- 1) Primeiro as mensalidades: Valores de R\$4.000,00/mês (salvo St. Pauls que são US\$2.000,00 ou R\$ 7.000,00/mês).
- 2) Todas sem exceção: Utilizam em seus programas cursos de teatro, música e arte.
- 3) Outras: Xadrez – Escola de Esportes – Ballet
- 4) Na maioria delas o Terceiro ano do Médio é integral (pré-vestibular).
- 5) A maioria delas oferece a possibilidade de um turno integral com atividades dirigidas no contra turno (poucas vagas).
- 6) A maioria delas tem no programa alguma matéria sobre ética e cidadania.
- 7) Todas estão com um foco equilibrado: Vestibular – Formação Cultural – Formação Ética.
- 8) Todas desenvolvem passeios e viagens de estudo de meio.
- 9) Sta Cruz comemora 10 anos de Capoeira (refletindo sobre a importância dos afrodescendentes para nossa cultura e identidade).
- 10) Estimulam os alunos a entrarem nas melhores universidades públicas: Alto Desempenho.

Apropriando-me destas informações, percebo que entre os colégios mais caros do país, o desejo de uma formação intelectual, cultural e ética são constantes. Os cursos regulares de Ensino Médio, unidos com formação cultural e de cursos pré-vestibulares são os principais objetivos, posto que estes colégios também refletem o que os pais e mães destas famílias buscam para seus filhos.

Nota-se que o modelo de educação profissionalizante nem passa perto dos colégios que analisamos acima, e que estão entre os mais caros do país, enquanto nos colégios públicos, existe um estímulo para este tipo de educação profissional, inclusive no fundamental com os SENAIs. De acordo com o Governo do Estado de São Paulo,

As Faculdades de Tecnologia (Fatecs) e Escolas Técnicas do Estado (ETE's) vão atuar em sinergia com as escolas industriais e centros de ensino e treinamento Senai para oferecer atendimento mais amplo à população [...] De acordo com o governador, o Estado conta com quase 130 Escolas Técnicas e Fatecs. Já o Senai, tem mais de 150 escolas industriais e centros de ensino e treinamento.

Em outras palavras, existe um movimento crescente e amplo de Governo + Federação das Indústrias – FIESP, em criar uma mão de obra para a indústria, a despeito de um desenvolvimento intelectual, cultural e acadêmico. De acordo com o Dr. Rui Josgrilberg em sua conferência no XVIII Seminário Internacional Filosofia e Educação da Pós-Graduação à Educação Básica – USP & Universidade do Porto,

O mundo está caminhando para um desenvolvimento “tecnológico 4.0”, que praticamente transforma os trabalhadores em operadores de máquinas, além de uma diminuição significativa no número de operários necessários para a produção nas indústrias, este modelo requer mão de obra não pensante, mas operante. Este movimento que está a pleno vapor na Alemanha e Estados Unidos da América, já traz reverberações para o Brasil, uma vez que estes países possuem grandes indústrias em território brasileiro (JOSGRILBERG, 2017).

É sabido o grande poder das indústrias automobilísticas em nosso País. Como as multinacionais: Volkswagen, General Motors e Mercedes Benz Caminhões, todas elas com grandes instalações no ABC - Paulista. Portanto ainda que haja por parte do Sesi um movimento pequenino de formação acadêmica, formação de atores e projetos culturais (FIESP-SESI, 2017), o grande objetivo desta Federação são as escolas industriais e a formação profissional – SENAI. Interessantemente ainda percebemos um desejo equivocado de se oferecer uma educação profissionalizante, os que desejam isto para os filhos o fazem por guardarem na memória o sucesso das escolas técnicas dos anos 70 e 80. Acontece que este pensamento equivocado, insuflado pelos governos e pelas indústrias, tem desenhado dois modelos educacionais brasileiros: Um, com uma educação para formar trabalhadores das fábricas; outro, com **uma** educação completamente diferente, repleta de arte, matemática, literatura, filosofia, música e cultura, para formar a elite intelectual brasileira.

Nota-se que o modelo de educação profissionalizante nem passa perto dos colégios que analisamos acima, e que estão entre os mais caros do país, enquanto nos colégios públicos, existe um estímulo para este tipo de educação profissional, inclusive no fundamental com os SENAIs. Uma vez que a indústrias possuem grande poder, e possuem grandes investimentos políticos para obtenção de vantagens, não é difícil deduzir que existe um projeto para que políticos financiados por estas poderosas indústrias, trabalhem constantemente para os interesses de suas financiadoras de campanha. Desta feita, o governo reflete na verdade o desejo das Multinacionais em desenvolver um “exército” de operários, muito além da capacidade de absorção das indústrias, para provocar com um grande contingente e poucas vagas, salários cada vez menores. É a lei da oferta e procura, demanda e consumo. Lei de mercado.

IV. Ensino Acadêmico e Filosófico: uma necessidade urgente.

De acordo com Johann Gottlieb Fichte, “um sábio [...] deve, entre outros conhecimentos, adquirir também certo conhecimento da filosofia” (FICHTE, 2014, p. 239). É preciso lembrar que esta “preleção sobre a destinação do sábio” foi proferida por Fichte no início de 1794 (FICHTE, 2014, p. 238), e teve o intuito de condenar o pensamento de alguns na época que achavam que cientistas não precisariam aprender filosofia para terem sucesso na vida profissional. Interessantemente, um pouco mais adiante ele diz:

É possível passar muito bem sem [a filosofia] nos negócios [...] Alguém poderia se adaptar perfeitamente a engrenagens das ocupações sem [a filosofia], mas [...] dificilmente esse alguém será um ser racional, livre e suprassensível (FICHTE, 2014, p. 239).

Este preâmbulo no início deste tópico foi necessário, para embasarmos o “pecado” que estão cometendo, ao optar por tirar a possibilidade da filosofia nos

cursos técnicos industriais, nos cursos de tecnologia e cursos profissionalizantes em geral. Não é à toa que percebemos na pesquisa realizada acima duas linhas de educação: uma técnica (trabalhador da indústria) e outra acadêmica (para formar as elites intelectuais). Como vimos, a educação técnica tem o objetivo evidente de formar “trabalhadores da indústria”, enquanto a educação acadêmica tem como meta formar a elite intelectual, ou seja, executivos, artistas, intelectuais, jornalistas, médicos, advogados, pesquisadores das diversas áreas do conhecimento – “o sábio” (FICHTE, 2014, p. 239).

Não podemos concordar com uma visão que determina quem serão os que devem se contentar com a educação profissional (limitada) como seu máximo desenvolvimento e os que estão livres para irem além. Numa reportagem da revista *Veja* no início de 2017, escrita por Claudio de Castro Moura, ele diz:

Gostemos ou não, no mundo real os filhos de pobres já chegaram à escola com grandes desvantagens [...] Aos 4 anos os filhos de pais educados ouviram 30 milhões de palavras a mais do que os [filhos] de pais menos educados [...] Quando chegam ao ensino médio e superior, é sem sentido que todos estudem a mesma variedade estonteante de assuntos (2017, p. 87).

Não podemos concordar com tal afirmação. Nela fica evidente que não estão cumprindo o artigo 3º e inciso III que determina como meta constitucional “erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais”. Neste formato de uma educação dualística e dicotômica, não se reduz desigualdades, pelo contrário, se amplia as diferenças, demarcando antecipadamente (ainda na juventude), quem serão os operários e quem serão os empresários.

Sendo assim, convoco à reflexão os pais, professores e educadores em geral, sobre o risco de voltarmos a uma “ditadura” do conhecimento, tão conhecida por todos nós em tempos passados, elegendo um grupo específico para receber o melhor em termos de educação completa, e outro como Claudio de Moura Castro teve a infelicidade de esboçar na *Revista Veja*, merecedor apenas do mínimo (2017, p. 87), dando na minha opinião uma solução eugenista, ou seja, dividindo as pessoas, em aqueles que serão os completos (acadêmico), e os que serão incompletos (técnicos), antes de terem a chance da vida e suas oportunidades (MACIEL, 1999, p. 121).

Sei que o tema deste artigo não é a Nova Reforma do Ensino Médio, mas podemos pegar uma carona no grande desejo que os governantes estão em acabar com a obrigatoriedade de matérias como arte, sociologia e filosofia neste ciclo (interessante que é o ciclo das escolas técnicas). No fundo, como diz Josgrilberg, “o grande interesse governamental não é na educação acadêmica, mas instaurar a formação profissional” (JOSGRILBERG, 2017). Pergunta que faço: Quem são os interessados nessas mudanças? Bem, o posicionamento razoável é que todos devam ser colocados diante do conhecimento mais apurado possível, e todos devam ter condições de se tornarem intelectualmente brilhantes. O papel da escola, do estado, dos pais, não é julgar quem vai receber educação completa e quem não, mas oferecer o melhor da educação para todos, e deixar o sucesso ou insucesso por conta do quanto o aluno se empenhará ou o quanto ele se esforçará, mas todos devem ter o máximo da educação, o suprassumo do saber, e depois, aí sim, cada um escolherá o que fará com todo o conhecimento adquirido.

Não precisamos ir muito longe, em São Paulo um menino de rua, que passava horas na Biblioteca Pública da cidade de São Paulo entrou em Direito na USP, se

tornou Livre Docente da UNICAMP - Dr. Luiz Cietto (CIETTO, 2017); Nos EUA um garoto pobre, negro, mãe analfabeta, que passava horas na Biblioteca Pública de sua cidade entrou em Medicina na Yale University e se tornou um dos grandes Neurocirurgiões do mundo, o candidato à presidência dos EUA em 2016 Benjamim Carson (CARSON, 2010). Ou seja, quem somos nós para condenar alguém a um único ramo de atividade (Indústria) sem dar-lhe a chance de optar por qual caminho seguir: Ferramentaria ou filosofia? Eletricista ou geólogo? Médico ou torneiro mecânico? Quando digo condenar, é por colocar uma tarja antecipada num jovem: “você será operário da indústria”, sem imaginar que uma mente pode se tornar um brilhante cientista, simplesmente por que foi motivada e desenvolvida academicamente, tendo a sua disposição todas as linhas e ramos do saber. Minha reflexão é: nós não precisamos privar um jovem da filosofia, da sociologia, da biologia e das artes para ele ser um mecânico industrial.

Na minha humilde opinião, podemos colocar o jovem diante de todos os ramos do saber, e então ele poderá escolher no curso superior completo em engenharia mecânica, elétrica, civil ou de produção, sem se abster da cultura, das artes, da sociologia e de todo o saber acadêmico do ensino médio completo, em detrimento de um ensino técnico profissionalizante, pobre em formação intelectual, humana, cultural, artística e sociológica. Acrescento mais um ponto: munido de cultura e conhecimento, este engenheiro pode estagiar em qualquer grande indústria, ganhando ainda nos anos como estudante, salário como estagiário superior ao de um técnico ou tecnólogo.

De acordo com Jean Lauand, ao buscar uma arte liberal, ou seja, uma formação acadêmica ampla e completa, no sentido de ser culto, não se está dizendo que não se possa ser competente profissionalmente. Mas ao contrário, quando se busca uma formação ampla e filosófica, também se alcança a competência profissional, mesmo sem buscá-la. Comparando aos versos bíblicos, Lauand escreve que aquele que não quiser salvar a sua vida salvá-la-á, mas aquele que quiser salvar a própria vida perdê-la-á. (LAUAND, 2011, p. 54). Ou seja, alguém sem a filosofia pode muito bem se dar muito bem nos negócios e nas ciências em geral, mas como bem elaborou Fichte, “difícilmente esse alguém será um ser racional, livre e suprassensível” (FICHTE, 2014, p. 239).

Segundo Josef Pieper “por princípio a formação se distingue da simples instrução profissionalizante e a ultrapassa”. Ou seja, “instruído é o funcionário e a instrução (profissional) se caracteriza por dirigir-se a um aspecto parcial e específico no ser humano e, ao mesmo tempo, a um determinado setor recortado do mundo” (Apud, LAUAND, 2012, p. 42). E Paulo Freire em *La Educación Como Práctica de La Libertad* a partir de Sir Richard Livingston nos adverte do perigo da educação técnica, o perigo de obliterar a visão total do homem, Freire ainda elenca que tal tecnicismo conduzirá a uma animalização progressiva do espírito e da vida humana (FREIRE, 2009, p. 92), ou seja, por não serem exploradas as ciências humanas, da natureza, das artes, tornarem uma pessoa quase como um robô.

O ser humano formado para Gramsci deveria ser “capaz de pensar, de governar e de controlar aqueles que governam”. As instituições de ensino deveriam “formar o cidadão, no sentido do Iluminismo, mas também o cidadão com condições políticas de governar” (GRAMSCI, 1975, p. 487). É por isto que Antonio Gramsci insistia (aqui evocando a própria reportagem da Veja) que “a verdadeira educação deveria ser abrangente e igual para todos [...] Todos estudariam tudo: Kant, integrais, Guerras Púnicas” (Apud, Revista Veja, p. 87), para não optar em deixar um ser humano limitado em apenas um ramo do conhecimento. De acordo com Pieper:

A formação se dirige ao todo: culto e formado é aquele que sabe o que acontece com o mundo em sua totalidade. A formação atinge o homem todo enquanto é *capax universi*, enquanto é capaz de apreender a totalidade das coisas que são (*Apud*, LAUAND, 2012, p. 42).

Considerações Finais

Acredito como pesquisador da educação que estes conceitos ainda são plenamente válidos, uma vez que estamos sendo colocados, diante de uma situação de opção deliberada pelo ensino técnico precoce, impondo sobre crianças e jovens um tecnicismo quase como obrigação, não permitindo que seres completamente livres na posse de todos os saberes, façam livremente a opção por qual caminho seguirem. O que Cietto e Carson tiveram em comum para alcançarem o sucesso? Ambos tiveram livre acesso a Biblioteca Pública de suas cidades, ambos leram romances, ciências e escutavam músicas clássicas na biblioteca. Ambos se dispuseram a conhecer arte, ciências, literatura e outros. Agora, imaginem se tivessem omitido o conhecimento destes garotos, se tivessem limitado o acesso de ambos a Biblioteca, se tivessem omitido a beleza da literatura, da arte e da música, imaginem se tivessem fechado as portas das ciências para estes garotos?

Meu sonho é que todos os garotos e garotas tenham o melhor das artes, das ciências e da literatura. Assim poderão depois de sua formação escolher com liberdade o que desejam fazer, sendo jardineiros, artistas plásticos, metalúrgicos, médicos, garis, engenheiros ou cientistas, que o façam livremente, por livre opção, não por falta de opção, nem por condenação, ou seja, por decisão alheia a sua capacidade de dizer não, decisão imposta de uma classe política e empresarial que julga eugenisticamente o que cada um será na vida.

Johann Fichte no final de sua preleção nos anos de 1794 chamou a atenção para a importância do que ele chamou de Espírito (FICHTE, 2014, p. 241). Fichte ainda foi mais adiante: “ser sem Espírito significa ser sem consciência”, e ser incapaz de “representar ideias” (FICHTE, 2014, p. 244-245). Fichte elabora uma pergunta: em que lugar alguém poderia abrir mão da imaginação, da consciência e das ideias? Ao que ele responde: Nas “nações debilitadas pela escravidão, pelo luxo e pela soberba” (FICHTE, 2014, p. 245).

Termino esta reflexão provocando novamente as mesmas indagações, acreditando que neste ponto da pesquisa você já tem a resposta:

- 1) A indústria oferece a mesma quantidade de vagas da década de 1980?
- 2) A Qualidade do Ensino Técnico Público e Privado melhorou?
- 3) Hoje, ainda é a melhor opção cursar o ensino técnico?
- 4) Os pensadores da Educação aconselham o ensino técnico?
- 5) A quem interessaria que o ensino técnico se propagasse atualmente?
- 6) Qual modelo educacional é recorrente no hall das escolas mais caras do país?

Parafraseando Rubem Alves, o tecnicismo pode medir os órgãos de um sabiá, mas não pode medir seus encantos; o tecnicismo pode detectar o material utilizado em uma tela de Monet, mas não pode medir a admiração que aquela pintura causa; o tecnicismo pode identificar e ler as partituras de Johann Sebastian Bach, mas não pode

mensurar os encantamentos proporcionados pela música ali organizada (ALVES, 2013, p. 116 e 117).

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. *Lições do Velho Professor*, Campinas/SP: Editora Papirus, 2013

BOTELHO, Adriano. *Reestruturação produtiva e produção do espaço: o caso da indústria automobilística instalada no Brasil*. Revista do Departamento de Geografia, 15 (2002) 55–64. USP Publicações - acessado 6/3/17 - http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/RDG/RDG_15/55-64.pdf

CARSON, Benjamim. *Sonhe Alto*, Tatuí/SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010

FICHTE, Johann Gottlieb. *Sobre o Espírito e a Letra na Filosofia*, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo & Editora Humanitas: São Paulo/SP, 2014

FREIRE, Paulo. *La Educación Como Práctica de La Libertad*, Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2009

GRAMSCI, A. *Quaderni del carcere*. Torino: Einaudi, 1975

JOSGRILBERG, Rui. *Da formação de mundos à imaginação educadora - XVIII Seminário Internacional Filosofia e Educação da Pós-Graduação à Educação Básica – USP & Universidade do Porto - 5/7/2017 -* <http://www2.fe.usp.br/~cemoroc/page07g.html> - 2017

LAUAND, Jean. “WHAT IS IT ALL ABOUT?” JOSEF PIEPER E A UNIVERSIDADE. *International Studies on Law and Education* 11 mai-ago 2012 CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ. do Porto – 2012

LAUAND, Jean; CASTRO, Roberto C. G. *Filosofia e Educação – Universidade*, São Paulo/SP: CEMOrOc – EDF/FEUSP & FACTASH Editora, 2011

MACIEL, Maria Eunice de Silva. *A Eugenia no Brasil*, <http://www.seer.ufrgs.br/anos90/article/viewFile/6545/3897> - UFRGS - Julho de 1999 - acessado 7/3/17

REVISTA VEJA, Editora Abril, edição 2517 – ano 50 – no.7, de 15/02/17 – Ano: 2017

Referências Bibliográficas Digitais

ARQUIDIOCESANO - acessado 6/3/17 - <https://arquidiocesano.colegiosmaristas.com.br/atividades-complementares/>

BANDEIRANTES - acessado 6/3/17 - <http://cultural.colband.net.br/2017/02/24/band-leva-cem-estudantes-a-pinacoteca/>

CARSON, Benjamim - acessado 6/3/17 - https://www.youtube.com/watch?v=GKcKXt2s_cw

CENTRO DE ESTUDOS JÚLIO VERNE – acessado 6/7/2017 - <http://www.julioverne.com.br/ensino/metodo-de-ensino> - 2017

CONSTITUIÇÃO. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm
- acessado em 13/3/17.

CIETTO, Luiz - acessado 6/3/17 - Parte I -
<https://www.youtube.com/watch?v=UKUvRZSZRxM> - Parte II -
<https://www.youtube.com/watch?v=bvZIVq2T-Io>

EXAME - acessado 6/3/17 - <http://exame.abril.com.br/economia/em-dois-anos-setor-automotivo-tem-200-mil-cortes/>

FIESP – SESI - <http://www.fiesp.com.br/noticias/sesi-sp-lanca-projeto-para-teatro-musical/> - acessado 6/7/2017

GLOBO - acessado 6/3/17 - <http://g1.globo.com/carros/noticia/2015/07/n-de-empregados-na-industria-automotiva-e-o-menor-desde-2012.html>

GOVERNO DE SÃO PAULO - acessado 6/3/17 -
<http://www.saopaulo.sp.gov.br/eventos/escolas-tecnicas-estaduais-e-senai-vao-atuar-em-conjunto/>

MIGUEL DE CERVANTES - acessado 6/3/17 -
<http://www.cmc.com.br/default.asp?PaginaId=11969>

PORTO SEGURO - acessado 6/3/17 -
<https://www.portoseguro.org.br/noticia/detalhe/perodo-integral-inscries-abertas-para-2017>

RIO BRANCO - acessado 6/3/17 - <http://www.crb.g12.br/site/aluno-familia/extracurriculares.aspx>

SANTA CRUZ - acessado 6/3/17 - <http://www.santacruz.g12.br/ensino-medio/atividades-e-projetos/>

St. PAUL'S SCHOOL - acessado 6/3/17 - <http://www.stpauls.br/>

Recebido para publicação em 15-07-17; aceito em 19-08-17